

## Árvore das três raízes: Política inovadora para a Venezuela?

ANDREZA DE MELO LIMA\*

REBECA VENÂNCIO COUTINHO\*\*

### Resumo

A República Bolivariana de Venezuela, no início do século XXI, foi concebida de tal forma que se tornou alvo de discussões internacionais nas esferas política e económica. Grande parte dessa importância se deveu às questões económicas e à ascensão de Hugo Chávez em 1998. A sua liderança carismática e populista e a estrutura política baseada no modelo colonial foram os temas da análise deste artigo. Utilizamos os conceitos de nacionalismo e populismo como lentes de leitura e compreensão tanto da figura do líder do movimento chavista quanto da estruturação da sua proposta de governo.

**Palavras-chave:** Venezuela; sistema EBR; populismo; nacionalismo.

### Abstract

*The Bolivarian Republic of Venezuela, in the early twenty-first century, was projected in such a way that became the subject of international discussions on the political and economic spheres. Much of this prominence was the due to economic issues and the rise of Hugo Chávez in 1998. His charismatic leadership of populist base, and its political structure guided in the colonial model, was the aim of the analysis in this article. We used the concepts of nationalism and populism as lenses for reading and understanding the movement's leader, Chávez, and the structure of its proposal to the government.*

**Keywords:** Venezuela; EBR system; populism; nationalism.

---

\* Professora substituta do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima. E-mail: andrezalima.profissional@gmail.com

\*\* Professora substituta do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima. E-mail: rvenanciocoutinho@gmail.com

## 1. Introdução

A análise da história política venezuelana no século XX que permitiu a trajetória de Hugo Chávez à presidência, nos permitiu compreender como e porque seus ideais foram projetados de forma contundente. Chávez foi visto pela população como um herói cuja missão era renovar a esperança, superar o neoliberalismo econômico e livrar a nação de domínio estrangeiro através das suas ideologias.

Para isso, Chávez desenvolveu um sistema político baseado em ideias de líderes coloniais na Venezuela. Seu modelo foi explicado no seu livro intitulado Livro Azul, no qual esclareceu seus propósitos e estabeleceu uma estrutura de administração pública nacional, baseada em conceitos de natureza social. No entanto, na Venezuela, a realidade interna sempre foi vista de duas maneiras: aqueles que favoreceram o modelo e aqueles que não o seguem.

Considerando que o estudo das questões histórico-políticas dentro das Relações Internacionais contemporâneas exige um aprofundamento das áreas relacionadas, abordamos as teorias da ciência política para direcionar nossa perspectiva para uma análise específica. Utilizamos como base as teorias sobre clientelismo, nacionalismo e populismo, cujos conceitos proporcionaram uma leitura crítica do tema, ao mesmo tempo que proporcionam um entendimento, de forma diferenciada, daqueles previamente encontrados.

Foi considerando a parte da população receptiva à proposta de Chávez, que desenvolvemos essa análise. A aceitação social do seu modelo administrativo foi relevante para a compreensão do caráter populista intrínseco na figura do líder e na composição do seu modelo político. Finalmente, as observações nos levaram a considerar que os ideais em que Chávez se baseou para elaborar o Sistema EBR — conhecido como a *Árvore das Três Raízes* — já tinham caráter populista no período colonial, embora nesse contexto, tal conceito ainda não existisse.

## 2. Venezuela pré-Chávez: breve contexto histórico

Compreender a Venezuela Chavista, baseada num pensamento político do período colonial adaptado no século XXI, representa um desafio para os estudiosos da política internacional. Conscientes desse facto, analisamos os dados históricos que formaram a Venezuela que conhecemos hoje. No entanto, para fins didáticos, baseamo-nos em dados de meados do século XX até 1998, a fim de compreender o cenário e os eventos característicos que corroboraram com o surgimento e ascensão de Chávez.

A democracia venezuelana começou em 1958, após o fim da ditadura de Jiménez, e a base da sua estabilidade foi o “pacto de conciliação populista”

das elites. Ao analisá-lo, Salmerón (2013) mostra que o pacto reconheceu que a existência de outros partidos e suas divergências poderiam ser direcionados aos interesses comuns relacionados à sobrevivência do sistema, porém, setores que poderiam desestabilizar o novo modelo foram excluídos.

A distribuição clientelista dos rendimentos petrolíferos foi a grande base material do *Pacto de Punto Fijo*<sup>1</sup>. O petróleo condicionou a forma de intervenção do Estado no setor econômico, nos partidos, nos sindicatos, nas forças armadas e no setor privado. Como esses setores eram subsidiados pelo governo, todas as possibilidades de crítica das (possíveis) consequências futuras do modelo de clientelismo foram automaticamente inibidas.

Ressaltamos, contudo, que essas atividades já existiam desde que os primeiros poços de petróleo começaram a ser explorados no país<sup>2</sup>. Segundo Romero e Romero (2005), o clientelismo na sociedade moderna é o resultado da relação entre os representantes nacionais e a população, mas também pode ocorrer entre o político e o comercial, criando uma rede de dependência entre os envolvidos.

Assim, Villa (2005, p.154) afirma que não é possível «compreender a vida política venezuelana, desde [...] 1958, sem o entendimento do papel desenvolvido pelo recurso petrolífero» e muito menos a vida econômica sem o papel protagonista do Estado e dos demais atores que o compõem.

Com a política democrática e o petróleo em ascensão, uma sólida engenharia institucional foi constituída na Venezuela, composta pelo modelo bipartidário com diferentes ideologias que alternavam no poder sem a presença de outros concorrentes e mantiveram, assim, a estabilidade do sistema. O sistema político bipartidário composto pela *Acción Democrática* (AD) e *Comité de Organización Política Electoral Independiente* (COPEI) foi importante para o ambiente interno por quase meio século (Rojas, 2010).

Os líderes políticos evitaram qualquer tipo de competição, assim podiam impedir a possibilidade de novos golpes. Este facto permitiu a participação de partidos menores no cenário político, mas sob o rígido controle bipartidário, onde AD e COPEI ocuparam posições de primeira linha nos setores de maior

<sup>1</sup> Acordo entre dois partidos políticos democráticos da Venezuela (AD e COPEI), que garantia o revezamento de ambos no poder.

<sup>2</sup> Nas primeiras décadas do século XX, quando os cartéis começaram a explorar petróleo no país. Desconhecia-se a utilidade do mesmo, por isso o ditador deixou à cargo dos oligopólios todas as decisões econômicas relativas ao setor. Mais a este respeito, consultar: Betancourt (2007) *Venezuela, política y petróleo*. Caracas: Academia de Ciencias Políticas y Sociales; Universidad Católica Andrés Bello; Fundación Rómulo Betancourt.

relevância para o Estado. Ambos fortaleceram sua estrutura no cenário político venezuelano e mantiveram rígidas políticas.

Os partidos venezuelanos eram altamente institucionalizados, e não simples veículos para líderes ambiciosos. Os principais líderes políticos [...] evitavam as disputas polarizadas. Ou seja, o sistema democrático contava com uma liderança política madura que, ao aprender com as experiências passadas, descartou o sectarismo e propiciou pactos interpartidários (Villa, 2005, p. 154).

As partes se tornaram atores hegemônicos graças à capacidade de administração política dos recursos estatais aos quais tinham acesso. Rojas (2010) descreve o período entre 1958 e 1989 como um marco no apoio a este sistema, representado pela baixa afluência eleitoral do povo venezuelano, demonstrando assim como ocorreu a democracia representativa da nação.

Com este poder, os líderes do *Pacto de Punto Fijo* garantiram que pequenos partidos fossem devidamente incorporados à esfera governamental, ocupando posições de menor representatividade, mas ao mesmo tempo controlados pelos dois principais. Essa organização, de acordo com Villa (2005), evitou o surgimento de políticas radicais de direitas e esquerdas.

O modelo não previu seu enfraquecimento. Trenado (2007) mostra que, historicamente, começou a entrar em colapso quando foi exposto a uma súbita desvalorização da moeda em 1983, como consequência da queda dos preços do petróleo. A instabilidade política que se instalou na Venezuela surpreendeu muitos analistas e atores neste setor, principalmente porque o governo, baseado no pacto, era sólido. No entanto, houve um declínio na crença da população sobre a capacidade desses líderes para reverter o caos que tinha surgido.

Não mudar essa percepção dos eleitores foi, de acordo com Aumaitre (2004), o erro dos políticos, pois resultou no descrédito do modelo em vigor por parte dos venezuelanos e na abertura de um espaço que deu a Chávez o espaço para a tentativa de golpe em 1992.

### **3. Chávez: o novo líder político da Venezuela**

Até 1992, Chávez era um estranho. A fim de alcançar proeminência política, ele tinha apenas a simpatia unânime dos militares para levar a cabo o seu plano de golpe. No entanto, o golpe militar contra um governo democraticamente eleito provou ser um ato injustificável, uma vez que tal ação só era permitida em casos extremos onde se sabia que havia atrocidades recorrentes contra a população.

No entanto, a divisão histórica entre os períodos democrático e socialista ocorreu em 1998 quando, na luta contra o neoliberalismo, Chávez, com seu discurso de caudilho<sup>3</sup>, popular, conquistou os nacionais e chegou ao poder por escolha da maioria (Rojas, 2010). Este discurso durou até abril de 2005, quando começou a falar sobre a possibilidade de levar o país a um novo modelo político: o socialismo do século XXI.

O que observamos foi que antes desse período, mesmo com a existência de um discurso anticapitalista e com reformas legais, ainda não havia um projeto de governo claramente definido. A campanha de Chávez em 1998 refletiu a desilusão nacional com os partidos tradicionais e a certeza de que a Venezuela só mudaria se houvesse uma transformação política guiada por aqueles que tinham uma história de não pertencer e nunca ter participado de nenhum dos modelos anteriores.

De acordo com Salmerón (2013), quando Chávez assumiu o poder em 1999, ele iniciou mudanças relacionadas ao setor de petróleo, especialmente com a PDVSA, porque a empresa tinha “muita autonomia” e dominava o Estado e, na opinião de Chávez, esse papel precisava ser mudado. Era necessário que estivesse sujeito ao Poder Executivo, respondendo por suas ações.

O objetivo era fazer uma reforma que exigiria mais impostos e menos concessões, e o lucro seria usado na tentativa de reverter a inflação. Desta forma, a intenção do governo chavista era *«aumentar el pago de regalías, acabar con la estrategia de internacionalización, ... frenar la apertura hacia el capital extranjero y [criar] una nueva Ley de Hidrocarburos. ... utilizar el petróleo como pieza central de su política exterior y firmar un plan de cooperación...»* (Salmerón, 2013, p. 96-97).

No entanto, ao adotar essa posição, Chávez reforçou ainda mais o clientelismo, pois utilizou recursos públicos para apoiar a população e, em troca, esperava legitimar suas ações (Romero e Romero, 2005). No poder, esse mecanismo foi utilizado, principalmente no setor energético, principal fonte econômica nacional, para sustentar suas decisões políticas.

Foi assim que começaram uma série de confrontos que já não estavam restritos ao ambiente petrolífero, mas também aos grupos empresariais e pecuários. Entretanto, quando Chávez fez do povo uma prioridade do Estado e propôs remodelar o sistema para promover a qualidade de vida da população, os estratos sociais mais pobres gradualmente começaram a repintar sua figura, transformando-a na imagem de um redentor (Salmerón, 2013).

<sup>3</sup> Figura carismática militar do período colonial que exercia um poder direto, tradicional, patriarcal e populista.

As ações tomadas por Chávez revelam traços característicos do nacionalismo e do populismo. Segundo Romero e Romero (2005), o nacionalismo é a expressão de um sentimento de apego e identificação com uma determinada nação. No entanto, este não é um conceito restrito, pode ser dirigido à linguagem, cultura, história, independência política, segurança, ao prestígio da nação, entre outros.

Além disso, Souza (2005) o determina como um conjunto de crenças e insígnias que formam e identificam um grupo nacional. Este, por sua vez, defende os valores nacionais, em favor da exaltação do Estado. Quando Chávez centralizou a tomada de decisões políticas, adotou uma postura autoritária como meio de alcançar o progresso, que, segundo Bellintani (2002), é também uma forma de nacionalismo porque representa uma postura governamental.

A pesar de que, para el marxismo ortodoxo, el nacionalismo era considerado como parte de la ideología burguesa y contrario al internacionalismo obrero, estos movimientos apelaron al nacionalismo como forma de captar adherentes, generalmente provenientes de culturas diversas, y de agruparlos frente a un enemigo común: el imperialismo. (Romero e Romero, 2005, p. 167).

Essa lógica adaptada à leitura do movimento chavista na Venezuela, nos mostrou que o objetivo de Chávez era disseminar o nacionalismo para que, através dele, ele obtivesse altos níveis de aceitação popular. Chávez atingiu sua meta, e esta imagem ficou marcada nos nacionais, ao ponto que a população o considerava inferior apenas à figura do próprio Simón Bolívar.

Diante dessa perspectiva, o populismo que se caracteriza pelos movimentos políticos que usam o povo como fonte de inspiração e representação, se transformou na identidade adotada por Chávez. Romero e Romero (2005), argumentam que esses movimentos podem ser descritos de várias perspectivas, porque dependem do lugar onde ocorrem e das características próprias e peculiares que o diferenciam dos outros.

Os autores também o equiparam com o conceito de demagogia, e no caso chavista, ele se aplica, devido à capacidade que teve de mobilizar a maioria da população por meio da persuasão e manipulação. Ou seja, o contexto vivenciado no país, juntamente com o carisma de Chávez, levou a uma revolução do capital que remodelou o Estado e deu origem ao socialismo. Para Vilera (2009), a situação venezuelana criada pelo modelo poderia, se bem gerida, prover várias demandas da população.

Nesse contexto, o socialismo é visto como uma solução para as desigualdades, enquanto o capitalismo é um meio de produção capaz de satisfazer as

necessidades básicas dos nacionais. Desta forma, existem dois fundamentos da revolução contra o capital feita na Venezuela: a maior consciência da sociedade atual em relação ao conhecimento e a certeza de que ela pode alcançar níveis cada vez mais altos no campo das ideias (Vilera, 2009).

A característica desta revolução foi marcada pelo que ocorreu em 27 de fevereiro<sup>[4]</sup> de 1989, um ponto-chave que redefiniu o cenário sociopolítico do país. Em sua opinião, a Venezuela percebeu que devido aos lucros do petróleo havia um grande e significativo influxo de recursos que facilmente atendiam às necessidades da população, mas que não foi usado devido à redistribuição desigual da riqueza.

Assim, a abertura petroleira imposta pelos governantes do *Pacto de Punto Fijo*, terminou em 2007, quando as empresas estrangeiras deixaram suas parcerias com a PDVSA, e começaram a administrar todos os negócios do ramo no país. Outra façanha de Chávez foi tornar a Venezuela independente do Banco Mundial e do FMI, que são descritos por Vilera (2009, p. 222) como «*clásicos instrumentos de dominación, control y exploración de los pueblos de nuestra América*». Quanto às conquistas económicas, o autor enfatiza as melhorias que, segundo o seu ponto de vista, foram consistentes.

Chávez usou esta vantagem na criação de planos e propostas totalmente anti-neoliberais, como foi o caso da agenda *Alternativa Bolivariana*. Ela defendia a intervenção do Estado em setores como o económico, o industrial e especialmente o petroleiro, previa uma moratória para negociar o pagamento da dívida externa e também visava convocar uma Assembleia Constituinte para fazer reformas políticas com teor legal (Ellner, 2011). Assim, Chávez estruturou o Sistema EBR<sup>[5]</sup> como sua proposta de governo.

#### **4. Sistema EBR ou árvore das três raízes**

O modelo político chavista apresentou um amplo arsenal para a discussão de questões controversas, que muitas vezes levaram ao debate de novas abordagens e as preocupações que surgiram para questionar conceitos considerados válidos e já arraigados na coletividade. A versão histórica utilizada por Chávez na construção do seu discurso destacou causas sociais e heróis nacionais, gerando confiança na população e criando um sentimento de nacionalismo (Ellner, 2011).

<sup>4</sup> 27F – protesto populacional contra a imposição neoliberal imposta ao mundo pelos Estados Unidos após o fim da Guerra Fria.

<sup>5</sup> “E” de Ezequiel Zamora; “B” de Simón Bolívar; “R” de Samuel Robinson (Nome adotado por Simón Rodríguez quando estava na Europa após ser deportado por ter se aliado com a Espanha, numa conspiração contra o poder colonial em Caracas).

A política adotada por Chávez foi dividida por Ellner (2011), em quatro etapas: *a)* de luta pela justiça social; *b)* por democracia; *c)* por promoção do desenvolvimento económico nacional; e *d)* por originar o nacionalismo económico e político. Porém, para realmente entender a política chavista, é necessário saber que sua base era a veneração de Simón Bolívar (2011).

Chávez exaltava os heróis nacionais e sua forma de lembrá-los gerou divisões polarizadas no interior do país. Houve aqueles que apoiaram o discurso baseado nos ideais bolivarianos e aqueles que o criticavam, acusando Chávez de distorcer sistematicamente os factos históricos (Cícero, 2010). Mais uma vez podemos perceber o nacionalismo ativo, onde a sociedade defende os seus valores e aprecia ou não a atuação do Estado.

Através do Livro Azul, Frías<sup>6</sup> (2014), explicou sua intenção política, sua forma de comando e a base em que se baseou sua doutrina. Extremamente influenciado por figuras políticas que ajudaram Simón Bolívar no processo de independência no século XIX, ele procurou perpetuar seus ensinamentos históricos e considerou apropriado criar mudanças estruturais na política nacional para o final do século XX e início do século XXI.

Chávez usou Bolívar como referência para a construção do seu modelo político. O objectivo era perpetuar historicamente seus ensinamentos utilizando-os como base da sua administração. Sua intenção era inovar e, para defender esse posicionamento mostrou no seu discurso que a Venezuela precisava conhecer seu passado e os erros históricos cometidos, para mudar o presente e prevenir repetições que pudessem atrapalhar o futuro da nação.

Seu trabalho apresentou as bases para a construção de uma doutrina cívico-militar, fundamentada na experiência histórica de ruptura com os modelos administrativos anteriores e na necessidade de recuperar os ideais bolivarianos, a fim de torná-lo um guia de referência na construção de políticas futuras para a Venezuela. «Poucas vezes na história venezuelana, um homem concebeu as bases de um sistema político, económico e social» tão cuidadosamente estruturado e historicamente consolidado (Maduro apud Frías, 2014, p.17).

Chávez se organizou de forma fluida e sequencial, a partir da compilação de uma série de frases e pensamentos dos heróis venezuelanos, contextualizando a necessidade de mudanças estruturais na política nacional, e usou ambas para fundamentar sua real proposta de governo, denominada árvore das três raízes, analogia que explica didaticamente a estrutura de governo baseada no sistema EBR (Frías, 2014).

.....  
<sup>6</sup> Hugo Rafael Chávez Frías. Para fins didáticos, se utilizará o sobrenome “Frías” todas as vezes que utilizarmos o conteúdo da sua obra.

Esta foi a base teórica do denominado Projeto Nacional Simón Bolívar que envolveu temáticas sociais, económicas e políticas, ao mesmo tempo que fomentou a compreensão dos poderes constituintes e o papel do Estado para a população. Assim, o sistema EBR visava “inovar” o modelo de gestão pública, mas era necessário a ocorrência de um processo revolucionário para alcançá-lo.

O Livro Azul se tornou um manual cujos mecanismos políticos marcaram o nascimento do Plano da Pátria (2013-2019). Ele também reescreveu o presente da nação e projetou o futuro (ideológico) da Venezuela para este século. Chávez entendia que a ideologia bolivariana de liberdade, igualdade e justiça era a base capaz de responder aos desafios da atualidade, ou seja, romper com o modelo dominante do *Pacto de Punto Fijo*, que politicamente, sobrepôs o individualismo em detrimento do coletivo conforme Maduro (2014, citado por Frías, 2014).

Nos seus discursos, Chávez se referia sempre ao conceito de liberdade e soberania, e mostrava que era necessário promover a mudança interna no consciente coletivo da nação. Ele foi contra a extinção das doutrinas, e portanto, fundou seu pensamento nas raízes filosóficas de Simón Rodríguez<sup>[7]</sup>, Simón Bolívar<sup>[8]</sup> e Ezequiel Zamora<sup>[9]</sup>. A célebre frase que diz: “ou inventamos ou erramos”, de Simón Rodríguez estruturou o pensamento chavista de que não existem alternativas e que, portanto, a mudança era a única solução (Frías, 2014).

Rodríguez era o grande mestre; Bolívar o grande líder e Zamora o grande general do povo soberano, e seus ideais são as raízes do projeto desenvolvido por Chávez, cujo objetivo era basear o modelo teórico-político e condensar os pensamentos desses três líderes venezuelanos. Assim surgiu a árvore das três raízes, ou o conhecido sistema EBR (Frías, 2014).

---

<sup>7</sup> Simón Rodríguez (1769-1854), foi tutor de Simón Bolívar, exercendo sobre ele grande influência. Foi também um grande filósofo educacional da Venezuela no século XVIII. Fortemente influenciado pelo pensamento de Rousseau, desenvolveu um modelo educativo revolucionário (para sua época) direcionado às nações americanas.

<sup>8</sup> Bolívar tinha planos de estabelecer uma confederação de nações livres com uma liderança comum, onde pudessem se defender e se articular de forma política, integrada — contra uma possível invasão de tropas militares enviadas pela coroa espanhola para recuperar os territórios. Mais a este respeito, consultar: Lima, A; Nascimento, F; Coutinho, R. (2011, Janeiro-Julho) Bolívarismo y Monroísmo: doutrinas americanas na visão de Indalecio Liévano Aguirre. *Examãpaku*. Vol. (4) n.º 1. Boa Vista: UFRR. Recuperado de: <<http://revista.ufr.br/examapaku/article/view/1506>>.

<sup>9</sup> Líder militar e político durante a Guerra Federal (1859-1863). Zamora foi um líder radical que defendia a reforma agrária, sempre lutando para que os camponeses fossem beneficiados.

O Livro Azul explica a árvore das três raízes. A primeira raiz — ou raiz Robinsoniana, se baseia em Simón Rodríguez que dizia que a América espanhola era um lugar único, original, e que portanto, não se devia copiar modelos institucionais e governamentais, mas sim inventá-los de forma criativa e inédita. Foi dessa percepção veio a frase “ou inventamos ou erramos”. Da árvore das três raízes, os ensinamentos do grande professor são os mais profundos e importantes para a base do sistema.

Ainda que no período colonial não existisse o conceito de nacionalismo, podemos observar nos argumentos apresentados por Rodríguez, alguns traços de devoção à América Latina, e Chávez se utilizou desse padrão, para estruturar sua política nacionalista.

A segunda raiz — ou raiz Bolivariana, é fomentada pela primeira e é mais complexa, pois se trata de pôr em prática a proposta de Rodríguez. Para isso, Bolívar buscava uma integração populacional, submissa a seu governo, que lutasse em parceria contra as imposições da coroa espanhola. Desta forma, desenvolveu um modelo integrativo que não foi bem-sucedido naquele momento, mas que pode ser considerado como o rascunho inicial dos modelos integracionistas e de cooperação existentes na atualidade.

Chávez mostrava que se não inventasse um modelo original, seria necessário copiar os errados que já existiam. Bolívar dizia em 1811 que as leis que herdaram era «funestas relíquias do despotismo». Ou seja, por meio do ensino — neste caso, por meio do conhecimento repassado à população — os nacionais seriam capazes de entender e aceitarem o modelo político sugerido. Uma população capaz de pensar e decidir com base na razão, poderia promover um governo verdadeiramente democrático. Por isso, Frías (2014) defendia que era necessário recriar o modelo e que ele seria o líder capaz de executar as mudanças necessárias.

A terceira raiz — ou raiz Zamorana, mostra o aspeto militar. Como tenente-coronel do exército venezuelano, Chávez não desconsiderou sua própria formação e elaborou a terceira vertente a partir dos modelos do general Ezequiel Zamora, que lutava por liberdade da terra e dos homens, pela instauração da eleição popular e contra a oligarquia dominante. Os três aspetos juntos, formaram o Projeto Nacional Simón Bolívar cuja atitude evolucionária visava remover a Venezuela da subestrutura económico-social, político-jurídica e ideológica.

Com as estruturas abaladas, a nação foi incapaz de se reconstruir, e a proposta chavista se consistiu nisto: reestruturar as bases e retirar a Venezuela da crise histórica que vivenciava. «O Projeto Nacional Simón Bolívar propôs a fixação de um horizonte de tempo máximo de vinte anos, a partir do começo

das ações transformadoras de situação inicial para que os atores e as ações se organizassem no objetivo estratégico» (Frías, 2014, p. 52).

Surgiu dentro deste conceito, o termo utopia concreta<sup>[10]</sup>, baseado nos ideais de Simón Rodríguez, que afirmava que seus ideais não eram sonhos ou delírios, mas fruto de reflexões filosóficas voltadas à um espaço real. Entretanto, Chávez afirmava que seu modelo não previa mudanças de curto prazo, ele buscava uma consolidação das estratégias de transformação. Assim, solidariedade era o tema central do projeto nacional.

Na construção do mesmo, existiam três campos cujas condições determinariam sua aplicabilidade e eficácia: o campo da economia em relação às condições de vida e de trabalho; o campo das ideologias que promovem o bem viver através do sistema de normas socioculturais; e o campo das deliberações políticas que determinam as decisões de âmbito econômico e político para toda a nação.

O modelo da Sociedade Original, conforme proposto por Chávez, visava o sistema social, a cultura e os fatores individuais. Este último foi resultado de vários processos interativos, e como um ator social, o mesmo não só sofreu como exerceu influências de importância variável no sistema (Frías, 2014).

Para entender o contexto por completo, Chávez fez referência ao sistema social a partir da descrição da estrutura político-jurídica, que transforma o poder social em poder do Estado através de uma Constituição. Assim, o Estado se configura como uma unidade de poder e não como a concentração do mesmo, e os poderes do Estado neste caso, são pautados na premissa de que, para que não haja abuso por parte daqueles que o detém, ele seja dividido.

Na concepção chavista, só um poder pode deter a outro. Portanto, a proposta previa a implantação de cinco poderes constituídos em âmbito político: o Executivo, o Legislativo, o Judicial, o Eleitoral e o Moral. O poder eleitoral e o poder moral, ganharam grande relevância nas deliberações nacionais, pois segundo Frías (2014), disso dependia a harmonia da nação.

O Poder Eleitoral visava sair do âmbito elitista que reunia de tempos em tempos figuras políticas que se reversavam na administração pública. Esse poder, diferentemente de outros, visava ampliar o sistema sociopolítico nacional, estabelecer canais policêntricos de poder, aumentando assim a força e autonomia nos processos decisórios de todos os membros da sociedade.

O Poder Moral objectivava regenerar o caráter político que, diante de tantos governos tirânicos e guerras, destruíram os costumes sadios da sociedade que acreditava nos seus líderes. O mesmo é responsável por assegurar, sal-

<sup>10</sup> Termo que diz que aquilo que foi ideologicamente concebido é plenamente capaz de realizar-se a partir de ações transformadoras.

vaguardar e supervisionar os direitos individuais e sociais. Juntamente com o poder eleitoral, o poder moral criaria o cenário para o nascimento de um sexto poder, descrito por Chávez como o *Poder Neutral*<sup>[11]</sup>.

Chávez descreveu seu sistema de governo como uma democracia que permite a participação de todos os setores da sociedade. Acreditava na concepção de Bolívar dizendo que o povo é dominado mais eficazmente pelo engano do que pela força, e que esse foi o histórico da Venezuela durante o século XX. Portanto, romper com o que ele denominava de farsa de democracia representativa era a sua meta (Frías, 2014).

O termo democracia popular bolivariana foi cunhado por Chávez para expressar o autogoverno e o protagonismo social nas deliberações políticas nacionais. «Nossos povos têm sido condenados a “participar” de sua própria destruição, da gestão de sua miséria crescente ... Participam cavando o túmulo histórico em que setores dominantes pretendem enterrar as esperanças da “América Morena”» (Frías, 2014, p. 72).

Chávez possuía forte apoio popular fruto da sua liderança carismática. Esta popularidade foi sua arma para a manutenção do poder e manobra os estratos sociais mais baixos. Neste contexto, o conceito de populismo se aplica, ao mostrar que existe uma dependência mútua entre o governo estabelecido e a população.

A pressão social foi o principal meio de obtenção de direitos e no momento em que o governo os disponibilizou, fez com que os beneficiados se tornassem favoráveis ao mesmo (Weffort, 1978). Logo, o populismo é um estilo de governo sensível às pressões populares, mas, não deixa de ser um modo de manipulação das massas.

Sem grupos de interesse não há populismo. Tais grupos são importantes para a existência e manutenção dos seus líderes no jogo político. Weffort (1978), explica que o populismo tem raízes sociais profundas e que elas estão interligadas ao fenômeno social e político construído progressiva e historicamente. Chávez era um líder populista não só pelo discurso carismático, mas por promover os heróis nacionais, relembrar a população da sua história e incentivá-la a aceitar suas imposições políticas.

Para Ferreira (2001), o populismo é relevante na construção do sistema partidário e consequentemente, na representação política. Trata-se de um conjunto de práticas capazes de estabelecer uma relação direta entre a popu-

<sup>11</sup> O Poder Neutral propiciaria o desenvolvimento de níveis adequados de racionalidade técnica para as demais formas de execução de poder, garantindo que eles fossem desempenhados de forma justa e obtivessem o devido sucesso.

lação e o líder carismático que busca apoio popular, sem a intermediação de partidos políticos ou entidades de classes.

Frías (2014) dizia que o propósito da nova constituição era transformar o poder social em um poder estatal, dessa forma, o Estado se configurava como uma unidade de poder e não como a concentração do mesmo, e neste caso, os poderes eram pautados na premissa de que, para que não houvesse abuso por parte daqueles que o detinham, ele deveria ser dividido. Foi utilizando este argumento, que Chávez conseguiu criar a nova constituição de 1999, colocando-se como a figura central das tomadas de decisão.

Ellner (2011), no entanto, afirma que existiam falhas do modelo que não foram elucidadas devido à superficialidade do que se escreveu sobre o chavismo. O foco das análises não era o fenômeno em sua complexidade, mas a figura do líder. A crítica da população como relevante na aceitação ou rejeição do modelo e suas políticas também foi ignorada por muito tempo.

Para Salmerón (2013), os discursos reforçam que as posturas administrativas de Chávez tinham a real intenção de dominar o país através do poder centralizado. Por meio do seu governo, o presidencialismo se estendeu de cinco para seis anos, foi adotado o modelo de reeleição imediata, se anulou qualquer tentativa da Assembleia Constituinte de estabelecer regras para segundo turno e eliminou-se o financiamento público direcionado a partidos políticos, criando assim uma oposição enfraquecida.

Chávez acreditava que seu modelo era democrático, porque permitia a participação de todos os setores da sociedade. Seu intuito era quebrar um ciclo histórico de domínio governamental que se baseava em enganos e corrupção, e estabelecer a democracia popular bolivariana, para expressar o autogoverno e o protagonismo social nas deliberações políticas nacionais (Frías, 2014).

Em um contexto geral, sua obra foi relevante nas pesquisas sobre Venezuela e seu modelo político. Facto mais importante, é que o Livro Azul foi escrito pelo próprio Chávez, o que torna a obra livre de pressuposições ou críticas de terceiros, e se converte na própria fonte da sua filosofia política.

## **5. Considerações Finais**

A Venezuela possui um vasto arsenal de factos que remetem à lutas por independência, autonomia, soberania e reconhecimento do seu povo. O período colonial venezuelano nos mostrou um rol de homens que marcaram sua época através dos seus pensamentos inovadores. Entretanto, em contradição com todo o potencial filosófico e ideológico daquele período, a Venezuela não conseguiu desenvolver um modelo político que além de estável, fosse capaz de propiciar aos nacionais, os avanços e desenvolvimento de que precisam.

Em cem anos de história, o país passou por ditadura, democracia e o início de um processo que o levou ao socialismo. Entretanto, tais mudanças foram decorrentes do descontentamento da população com relação àqueles que detinham o poder. Os modelos políticos criados na Venezuela sempre tinham como intuito evitar que o anterior se restabelecesse. O *Pacto de Punto Fijo* foi uma medida extremista para evitar golpes ditatoriais e o chavismo foi um mecanismo elaborado para impedir que a elite partidária desse pacto continuasse ou retornasse ao poder.

Por possuir um carisma marcante, Chávez se tornou um líder com o qual muitos venezuelanos se identificavam. O grau de convencimento dos seus discursos, que apregoavam a igualdade e a liberdade, o transformou em um líder popular, principalmente em meio a população mais pobre do país. Chávez “vendia sonhos” e a população eleitoral descontente “comprava seus ideais” apoiando-o em massa.

Com esse apoio, Chávez elaborou o Projeto Nacional Simón Bolívar, a fim de romper com os modelos econômico, social, político, jurídico e ideológico já consolidados. O que em nosso entendimento Chávez não percebeu — ou não quis admitir, foi o próprio caráter ideológico da sua proposta “inovadora”. A busca de Chávez pela “libertação política” da Venezuela levou a nação à outra “prisão”, onde havia uma oposição enfraquecida.

Nesse contexto, seu poder foi se fortalecendo cada vez mais, e praticamente se tornou absoluto. Esse quadro nos remete ao clientelismo chavista, onde as barganhas estatais se converteram em instrumentos de manutenção da sua posição, legitimada pelo nacionalismo previamente difundido no pensamento coletivo. A população foi seduzida pela ideia de um líder do povo, que fugia à todos os padrões políticos conhecidos.

O grande contraste nesse cenário, é que o líder que se levantou para livrar o país de uma conjuntura econômica debilitada, criou as bases para uma crise de maiores proporções, como é possível acompanhar nos dias atuais. Com base nesses dados, percebemos que a demagogia chavista escondia um interesse pessoal: monopolizar e centralizar as decisões políticas em si próprio, ao mesmo tempo em que passava à população a falsa impressão de participação na tomada de decisão (como ocorria nos referendos).

Com base nesse cenário e nas teorias abordadas neste trabalho, elaboramos um posicionamento crítico a respeito do movimento chavista, bem como da sua estrutura política pautada em ideologias e história. O período chavista foi fortemente marcado pelo discurso carismático, o que nos remete ao forte populismo do processo.

O populismo e nacionalismo não eram conceitos políticos existentes no período colonial, porém, os pensamentos dos heróis venezuelanos possuíam fortes traços nacionalistas e populistas e Chávez se aproveitou dos mesmos, para fortalecer seus próprios argumentos políticos, a fim de convencer a população de que sua proposta política não era uma ideia dele, e sim, um mecanismo apoiado pelo mais influente líder nacional que país já teve: Simón Bolívar.

Além disso, combatemos a ideia de inovação política dentro da proposta chavista. De facto surgiram algumas *nuances* diferenciadas no seu modelo, como os poderes eleitoral e moral, mas estes são passíveis de mais estudos tanto para caracterizá-los quanto para descrevê-los em nível de aplicabilidade.

Assim, a realidade nos permitiu concluir que inovação com base no passado não representa nada a mais do que uma forte carga ideológica. Tal tentativa demonstrou que na realidade, Chávez não inovou, apenas reproduziu e adaptou os ideais dos heróis nacionais à realidade atual. Porém, a primeira raiz da sua árvore político-filosófica evidenciou-nos uma contradição. Analogicamente, podemos dizer que uma grande fissura nessa “árvore” pode acarretar sua queda.

No período colonial, Simón Rodríguez já dizia que a América Latina merecia um modelo político próprio, devido às suas peculiaridades culturais, geográficas, económicas, históricas, entre outras. Isso nos levou a questionar como o modelo político inovador de Chávez, que nada mais foi do que uma réplica ideológica de aproximadamente 200 anos antes, poderia promover o futuro da nação.

Chávez não obteve sucesso em estabelecer uma política nacional verdadeiramente estável, mas conseguiu converter Simón Bolívar em Fênix, sempre ressurgindo das cinzas para manter seus ideais em voga. Outra das suas façanhas, foi transformar-se em um dos heróis nacionais. No século XIX havia Simón Bolívar, no século XXI, Chávez.

Chávez acreditou que sua obra era o próprio elo entre a realidade e os seus desejos de mudança. Cabe agora esperar o futuro para saber até que ponto os seus sucessores serão capazes de implementar e manter suas ideologias, ou de criarem um novo sistema “inovador” para a política do país. Torçamos para que não usem os ideais do período ditatorial.

## Referências

- Aumaitre, J. (2004). Gobernabilidad democrática y reformas políticas em Venezuela. In: Hofmeister, W. (Org.). *Reformas políticas en América Latina*. (pp. 397-440). Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer.

- Bellintani, A. (2002). *Conspiração contra o Estado Novo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Cícero, P. (2010). *Revolução Bolivariana e lutas sociais: O confronto político nos primeiros anos do governo Hugo Chávez Frías*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: São Paulo, Brasil.
- Ellner, S. (2001). *El fenómeno Chávez: Sus orígenes y su impacto*. Caracas: Fondo Editorial Tropykos.
- Ferreira, J. (2001). *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Frías, H. (2014). *O livro azul*. Recife: Bagaço.
- Rojas, P. (2010). Venezuela: Del neoliberalismo al socialismo del siglo XXI. *Política y Cultura*, Vol. 34, (34), 187-211.
- Romero, M. e Romero, A. (2005). *Diccionario de política: Conceptos fundamentales, grandes autores e relaciones internacionales*. Caracas: Editorial Panapo.
- Salmerón, V. (2013). *Petróleo y desmadre: De la gran Venezuela a la Revolución Bolivariana*. Caracas: Editorial Alfa.
- Sousa, F. (2005). *Dicionário de Relações Internacionais*. Edições Afrontamento, CEPESE.
- Trenado, M. (2007). Venezuela: De la crisis del modelo de Punto Fijo al régimen Chavista. *Revista Nuestra América*, vol. 4 (4), 13-35.
- Vilera, A. (2009). *Ensayos críticos por una revolución cultural: Contribución a la batalla de las ideas*. Serie Pensamiento Social. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana.
- Villa, R. (2005). Venezuela: Mudanças políticas na era Chávez. *Estudos Avançados*, vol. 19, 55, 153-172.
- Weffort, F. (1978). *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

